



## *A ciência cura o corpo,* **a música cura a alma**

**PIANISTA E MAESTRO JOÃO CARLOS MARTINS, O INDOMÁVEL**

“**N**o piano, cada nota tem que transmitir emoção para o público. Então essa é a minha luta: tentar unir o corpo e a alma através da arte, da ciência e da esperança. É uma missão de vida, é muito mais do que um objetivo. Hoje, aos 82 anos, quero mostrar para outros idosos que você sempre pode ter esperança no amanhã”. A reflexão é do pianista e maestro João Carlos Martins, indubitavelmente um dos exemplos mais marcantes de superação de adversidades e de culto à perseverança e ao otimismo.

Certa feita, o *New York Times*, em artigo que elogiava a sua personalidade artística e a sua orquestra, conferiu-lhe o adjetivo de “o indomável”. Fato. A mesma publicação estadunidense, que se referiu a ele como um dos mais importantes pianistas do mundo, interpretou sua jornada: “Um romancista estaria sob grande pressão se levado a inventar uma vida mais implausível do que a do brasileiro João Carlos Martins. Trata-se de uma história de aclamação pública e tragédia pessoal, de traumatismo físico e recuperação obstinada...”

A pandemia obrigou-o a adiar toda sua agenda de concertos, inclusive a comemoração de seus 80 anos e os 60 de sua estreia no *Carnegie Hall*, que deveria ter ocorrido há dois anos. Assim, o maior intérprete de Bach ao piano moderno retorna em 19 de novembro ao *Stern Auditorium/Perelman Stage*. Contudo, seu público fiel (conta com quase 250 mil seguidores em seu perfil no Instagram) continuou a vê-lo regendo e tocando o piano em *lives* até retomar a agenda, que incluiu o Concerto da Comunhão, que levou em setembro último a Brumadinho (MG), onde três anos antes havia realizado o Concerto da Gratidão, quando homenageou o trabalho do Corpo dos Bombeiros no resgate de sobreviventes e nas buscas aos corpos das vítimas do rompimento da barragem de rejeitos da Mina Córrego do Feijão. A nova versão teve o propósito de incentivar a união entre as pessoas para a construção de novos tempos.

### TRAJETÓRIA VENCEDORA E PERCALÇOS

Nascido em 25 de junho de 1940, em São Paulo, João Carlos Granda da Silva Martins era um dos três filhos do imigrante português José Eduardo Martins, entusiasta da música e que viu seu sonho de ser pianista interrompido ainda na juventude por conta da mutilação do polegar em uma prensa da gráfica em que trabalhava. José Eduardo,

que viria a falecer no ano de 2000, aos 102 anos de idade, comprou o piano em 1948, incentivando os filhos a tocarem. João Carlos tinha apenas oito anos quando teve contato com o instrumento, passando a estudar e já poucos meses depois ganharia um concurso tocando obras de Johann Sebastian Bach (1865-1750).

A precocidade musical já tinha seu triste singular também no aspecto “saúde”. Aos cinco anos, João Carlos havia sido submetido a uma cirurgia para retirada de tumor benigno no pescoço. O procedimento malsucedido deixou-o com uma fístula na pele, por onde vazava o alimento quando comia. A segunda cirurgia, que o curou, coincidiu com o período de contato com o piano e com a elevação de sua autoestima. Já aos 11 anos iniciou seus estudos com um dos grandes mestres da época, o russo José Kliass, seguindo assim os passos do irmão mais velho, José Eduardo Martins, também hoje renomado pianista. Venceria logo em seguida o concurso da Sociedade Brito de São Petersburgo e, chegando aos 13 anos, iniciaria a carreira de concertista no Brasil – cinco anos depois ganharia o mundo, já afamado como o melhor intérprete de Bach de sua geração.

A ex-primeira-dama Eleanor Roosevelt, patrocinadora do Carnegie Hall, foi quem lhe “abriu as portas” nos Estados Unidos. A esta altura, já aos 21 anos, ganhara renome mundial e seus concertos ocorriam com lotação esgotada e com recorde de venda de gravações. Em seguida, gravou a obra completa para teclado de Bach e realizou, com o pianista Arthur Moreira Lima, o encontro entre os prelúdios para teclas do artista alemão e os prelúdios para o piano do polonês Frederic Chopin. Foi nesse período que ele descobriu ter distonia focal, distúrbio neurológico que lhe impunha movimentos involuntários. E aprendeu a driblar o próprio cérebro, usando como tática dormir de cinco a seis horas antes dos concertos.

*Pianista João Carlos Martins, ainda no início de sua carreira, alçada ao reconhecimento mundial.*





Em 1965, o pianista residia em Nova York e foi convidado a integrar o time profissional de futebol da Portuguesa de Desportos em um jogo treino realizado no Central Park. A alegria de integrar o time de coração acabaria se transformando em desespero em apenas alguns instantes: jogada isolada, lance casual, a queda aparentemente “boba” e uma perfuração na altura do cotovelo, que atingiu o nervo ulnar. O acidente resultou em três dedos atrofiados e a impossibilidade de tocar piano por um ano inteiro e impondo recuperação longa e complicada, pois continuaria com dificuldade de tocar até os seus 30 anos de idade. Neste período, retornou ao Brasil para iniciar carreiras como empresário de música e boxe, que durou sete anos e o aproximou do bicampeão mundial Eder Jofre, fonte inspiradora para seu retorno à música.

Apesar dos longos períodos de fisioterapia, o pianista viu seu quadro piorar em decorrência de distúrbios osteomusculares relacionados aos trabalhos (Dort). Voltou a tocar com mais intensidade de 1979 a 1985, tendo realizado 10 gravações de Bach e conseguido concluir o restante de todas as gravações da obra do famoso compositor. Foi personagem de destaque na inauguração do Glenn Gould Memorial, em Toronto, que reverencia o canadense, considerado um dos maiores pianistas do século XX (pela forma bem pessoal de interpretar as Variações Goldberg, compostas por Bach), falecido em 1982, aos 50 anos.

### NOVOS DRAMAS

Em maio de 1995, o pianista estava em Sófia, Bulgária, quando foi vítima de assalto, tendo sido golpeado na cabeça com uma barra de ferro e sofrendo várias lesões. Uma seqüela neurológica comprometeu o membro superior direito, exigindo trabalhos de reprogramação cerebral para conseguir restabelecer o movimento da mão. Voltaria a tocar com as duas mãos, inclusive gravando seu último álbum, mas apresentou de novo problemas no braço direito, e também na fala, sendo obrigado a passar por novo procedimento cirúrgico.

Três anos depois, junho de 1998, João Carlos Martins faz a sua apresentação no *Barbican Centre*, em Londres,

que é retratada como despedida no livro *A saga das mãos*. Depois disso viria a gravação, em 2001, do álbum *Só para Mão Esquerda*, escrito por Maurice Ravel para o pianista austríaco Paul Wittgenstein, que perdeu o membro direito na Primeira Guerra Mundial. A intenção inicial era gravar oito álbuns apenas com uso da mão esquerda, com essa temática, mas a descoberta de um tumor no mesmo membro daria nova guinada na vida de João Carlos, já com a sentença médica de que voltar a tocar o piano seria algo improvável.

Nem bem refeito do drama e ele já se inscrevia em aulas de regência. Naquele momento, partia um pianista, chegava um maestro. Por causa da dificuldade de coordenação do movimento dos dedos e a incapacidade de segurar a batuta e virar as páginas das partituras dos concertos na velocidade necessária, teve de criar um método para memorizar nota por nota. A seguir apresentou-se em Paris e Londres, formou a orquestra Bachiana Filarmônica (Sesi-SP) e idealizou a Fundação Bachiana, voltada à democratização da cultura, conscientização ambiental, inclusão social e divulgação da música erudita. Passou a trabalhar com jovens carentes dos bairros periféricos de São Paulo.

Depois de contabilizar 24 cirurgias e duas interrupções na carreira por causa da distonia, hoje João Carlos Martins conta com ajuda de luvas extensoras (biônicas) para conseguir tocar piano. “Com elas, eu pude encostar os 10 dedos no teclado novamente, depois de 22 anos”, diz, realçando a sua confiança na ciência a partir da campanha mundial que ele milita intensamente e que propõe ajudar cientistas a encontrar a cura para a distonia. De acordo com ele, a campanha deve culminar no final deste 2022, durante a celebração de 60 anos da estreia no *Carnegie Hall*. Estudos da Fundação Leon Fleisher indicam que mais de 33 milhões de pessoas pelo mundo sofrem com a distonia focal.

Em meados de 2021, o Centro Cultural Fiesp inaugurou a exposição inédita *João Carlos Martins: 80 Anos de Música*, marcando assim a passagem de seu aniversário e a comemoração que não pode ser celebrada no ano anterior. Tributo merecido e que ressalta a importância dele na música e nos exemplos de perseverança. Autor também do livro *João de A a Z* e homenageado no carnaval paulista de 2011 pela escola vencedora, a Vai Vai, João Carlos Martins é o único músico brasileiro que teve a sua vida registrada por cineastas europeus por duas vezes: *Die Martin's Passion*, uma coprodução franco-alemã dirigida por Irene Langman, e *Revêrie*, dos cineastas belgas Johan Kenivé e Tim Herman. Também teve ainda sua trajetória contada no documentário *O piano como destino* e na peça *Concerto para João*. ❶



## RELATOS DE UMA DESPEDIDA NO DIA DO ANIVERSÁRIO

“Londres, 25 de junho de 1998. Sozinho no camarim do Barbican Centre, aguardo o momento de subir ao palco para tocar com músicos da *Royal Philharmonic Orchestra*. O burburinho da plateia lotada chega até mim como o bramido de um mar distante. Nesse dia, completo 58 anos e mais de meio século já se passou desde que dedilhei pela primeira vez o teclado de um piano. Mas não é isso que toma a data tão especial. Três horas antes, eu conversei por telefone com meus médicos em Miami. E confirmei a operação que iria seccionar o nervo de minha mão direita, acabando para sempre com minha carreira de pianista.

A multidão que se aglomera na plateia não sabe de nada, nem os músicos e nem a imprensa. Apenas eu e meus médicos sabemos que aquele é meu concerto de adeus. Fiz questão de não criar nenhum drama público. Nas próximas horas, a dor que eu levaria para o palco seria minha – e de mais ninguém.

Apagam-se as luzes e o chefe de palco me chama para entrar. Enfrento a plateia como um velho leão que oculta suas cicatrizes. Contudo, no segundo movimento do concerto, se uma câmera se aproximasse de meu rosto, captaria as lágrimas escorrendo, discretas, inexoráveis.

É um momento de indescritível solidão. Entre as mil e tantas pessoas presentes ao teatro, sou o único a saber que tudo vai acabar naquela noite. A sensação é fugaz, etérea, mas, por uma fração de segundos, sinto uma presença a meu lado. Trata-se de um menino, um menino que só eu vejo. José é seu nome. José não leu os jornais do dia. Não viu os elogios que a crítica inglesa teceu ao pianista que está se apresentando naquela noite. Não sabe que ele consolidou uma carreira musical interpretando Bach com toda sua alma e paixão. Quando andava pelas ruas da cidade portuguesa de Braga, em fins do século XIX, correndo de um emprego para outro, o menino José ainda não sabia de nada disso. Mas é graças a ele que estou aqui. Nos anos seguintes, o menino tomou-se homem, e esse homem tornou-se meu pai. E seu amor à música é o ponto de partida de minha história...”

*Depoimento de João Carlos Martins em um dos capítulos do livro autobiográfico “A Saga das Mãos”, lançado em 2007.*